

entrevista nacional

SITATONGA: DESTRUIDO REFÚGIO DE

Importante vitória das FPLM no quadro



Diversas quantidades de material bélico capturado no acampamento de Sitatonga II

Ao fim de uma importante operação militar que envolveu a acção conjunta das várias armas, as Forças Populares de Libertação de Moçambique ocuparam, no primeiro dia do mês em curso, o principal acampamento dos grupos armados que actuavam na região de Mossurize, desde princípios deste ano. Conforme foi já amplamente divulgado pelos órgãos nacionais de informação, tais grupos pertencem à chamada «Resistência Nacional Moçambicana» criada e sustentada pelo regime ilegal rodesiano.

Deles fazem parte membros dos GEs, GEPs, Flechas, Comandos, Pides e outros agentes do colonial-

-fascismo português derrotado em Moçambique. De colaboradores e guias do exército de Smith, nas suas agressões à República Popular de Moçambique, inicialmente, passam, com o desenvolvimento da luta armada de libertação nacional do Zimbabwe a servir de instrumentos para impedir o avanço da revolução moçambicana e o seu apoio ao Povo zimbabweano.

É assim que os grupos reacçãoários começam a praticar actos de sabotagem e banditismo contra populações civis e alvos económicos e sociais, a partir de 1976, em algumas áreas das províncias de Tete, Manica e Sofala, onde se infiltram. Com a queda do

GRUPOS REACIONÁRIOS

da ofensiva política e organizacional



Formenhor do acampamento, podendo ver-se, em primeiro plano, a entrada para um dos numerosos abrigos existentes

regime de Smith/Muzorewa, perderiam, em princípio, a sua razão de ser, se não fosse a permanência, no Zimbábue e na África do Sul de forças hostis ao Governo do Primeiro-Ministro Robert Mugabe e ao progresso social na África Austral, que os apoiam.

As operações que conduziram ao assalto do acampamento da montanha Sitatonga II fazem parte de um conjunto de manobras que as FPLM realizam, há cerca de um mês, ao longo da fronteira, na Província de Manica. Elas visam — segundo o Chefe do Estado-Maior General das FPLM, Sebastião Marcos Mabote — não só «familiarizar as tropas com o ter-

reno, para que possam cumprir em melhores condições quaisquer tarefas combativas», mas também, através da eliminação dos bandidos armados que agitam a população na fronteira, «garantir o sucesso da ofensiva política e organizacional em curso para a vitória contra o subdesenvolvimento».

Nas páginas seguintes, os nossos enviados à Província de Manica relatam pormenores da operação que culminou com a ocupação do acampamento de Sitatonga II.

Vista do alto, a montanha de Sitatonga II, a cerca de cem quilómetros a sudoeste de Chimoio, é uma floresta fechada com encostas perigosamente íngremes. O helicóptero da Força Popular Aérea que nos transportava sobrevoou-a duas vezes antes de descobrirmos a clareira, a 800 metros de altitude, onde poisou.

Estávamos, enfim, no acampamento central onde, até poucos dias antes da nossa visita (5 de Julho) cerca de seiscentos indivíduos armados se abrigavam. Naquele local funcionava, então, o principal ponto de partida das acções armadas da chamada «MNR», desde princípios deste ano.

Passageiros da primeira aeronave moçambicana que pisou Sitatonga II, é com alegria e calor que nos recebem os comandantes e soldados das FPLM que lá se encontravam, desde o dia 1 de Julho. São parte das unidades que participaram nos combates que culminaram com o assalto ao acampamento central dos bandos contra-revolucionários e cuja acção é resumida por um dos comandantes:

«Logo que tivemos conhecimento de que os bandidos atacados na retaguarda vieram todos concentrar-se neste acampamento, começámos a organizar um golpe para o seu aniquilamento. No dia 25 de Junho, atacámos pela posição Norte, sem sucesso, porque desconhecíamos que aquela era a posição mais difícil, devido à existência de muitas pedras e precipícios. Tomámos rapidamente a decisão de retirar o grosso das nossas forças para concentrá-las a Sul, deixando apenas uma pequena parte para deter o inimigo, na primeira posição.

«No dia 29, a nossa artilharia realizou uma salva de tiros concentrado contra determinados alvos, não tendo havido reacção inimiga. Um reconhecimento aéreo, feito posteriormente pela nossa aviação, confirmou que os objectivos tinham sido plenamente atingidos.

«No dia 30, desencadeámos um novo ataque. Durante a progressão, as nossas forças de choque



Apreensão e medo dominavam ainda os espíritos de elementos da população encontrados no acampamento de Sitatonga II



Material bélico capturado pelas FPLM aos grupos contra-revolucionários e que foi recentemente exposto ao público em Chimoio. Em segundo plano, sentados, vêem-se também alguns dos prisioneiros

depararam com um grupo de reconhecimento inimigo que foi repellido. Desdobradas as nossas forças para ocuparmos posições favoráveis, voltámos a atacar pelo Sul das 12.40 horas às 13.15 e das 14.10 às 17.00 horas.

«No dia 1, a nossa artilharia voltou a bombardear algumas posições inimigas... Pelas 15.00 horas, as nossas forças apoderaram-se do acampamento central. O inimigo fugia em debandada, sem compreender qual a direcção principal das nossas forças que tinham começado a atacar no Norte e agora rgiam pelo Sul.»

PROJECTO AMBICIOSO

Um pormenor curioso que salta à vista, neste acampamento, é a dimensão, as precauções defensivas e o seu difícil acesso. O acampamento estende-se — segundo nos informaram no próprio local — por cinco quilómetros de comprimento por quatro de largura, compreendendo a parte central e os postos de observação. Enormes abrigos e trincheiras com metro e meio de altura, ligando as diversas cabanas confirmam os depoimentos de alguns dos prisioneiros, segundo os quais o inimigo pensava fazer daquele lugar uma «base» permanente para as suas acções naquela região do País.

No assalto ao acampamento de Litatonga II, foram abatidos 272 dos seus ocupantes, capturados 68 elementos armados e 44 colaboradores do inimigo. Entre o material bélico que lá se encontrou figuram armas ligeiras, morteiros, bazookas, metralhadoras, caixas de munições e minas antipessoal e antitanque, detonadores eléctricos e explosivos. As FPLM recuperaram ainda cinco viaturas, máquinas de costura e diversos outros artigos que tinham sido roubados nas lojas e povoações do distrito de Mossurize, assim como três cavalos e uma motorizada com matrícula estrangeira.

Olhares ainda incrédulos e traumatizados eram os daqueles elementos da população que fomos

“TÍNHAMOS MEDO DE ATACAR QUARTÉIS”

John Chinawa, aos órgãos nacionais de informação

Come se juntou aos contra-revolucionários?

— Fui raptado, em Rutande, de uma escola chamada Mussapa, em 15 de Setembro de 1977, por um grupo armado chefiado por um tal André Matade Massangaissa. Daí me levaram à fronteira de Macungo, onde viaturas do exército rodesiano nos vieram buscar para um campo chamado Odzi.

Como foram os treinos militares?

— Os treinos eram dirigidos por sul-africanos e duravam normalmente um mês. Mas eu lá estive três meses.

Em que consistiu a sua primeira operação?

— Quando acabei os treinos, fui escolhido para ir a uma operação em Mavonde, na estrada alcatroada que vai para Tete, dentro do território moçambicano.

Aí emboscámos um camião civil que transportava cimento. O ajudante morreu nessa operação. Quanto ao condutor, um misto, o nosso chefe perguntou-lhe se queria ou não acompanhar-nos, ao que respondeu que não estava interessado porque tinha muita família. Então, deram-lhe alguns papéis de propaganda dizendo que eram para ele entregar à FRELIMO e levámos as chaves do carro, assim como a carta de condução.

Antes de nos retirarmos, apareceram soldados das FPLM que começaram a disparar contra nós e tivemos de recuar deixando muita coisa que levávamos: carregadores e facas, assim como o que tínhamos tirado do camião.

O que sucedeu depois, dessa operação?

— Seguimos em direcção à fronteira, por Mavonde, novamente, tendo passado três noites no caminho antes de lá chegarmos. Uma vez aí, o André mandou três pessoas telefonar para os rodesianos e duas

horas depois veio um carro que nos levou a Odzi.

Neste campo estava um sul-africano chamado Jack Ben que trazia dinheiro. Explicou que depois de uma operação cada um de nós havia de ganhar dinheiro e, por isso, cada um de nós recebeu 60 dólares e deram férias de cinco dias. No fim deste tempo chamaram-nos de novo para Odzi onde nos disseram que não estávamos a cumprir bem a missão e deveríamos começar de novo os treinos. Os sul-africanos — entre os quais um chamado Major e outro David — deram-nos instruções durante três meses.

Depois, disso?

Em 1978 fomos escolhidos, em número de cinquenta para uma missão no Inchope, chefiados de novo pelo André. O nosso objectivo era alcançar a estrada de alcatrão que vai para Maputo e tivémos de realizar dois combates pelo caminho, porque as FPLM seguiam as nossas pegadas.

Mas conseguimos chegar ao destino e preparámos uma emboscada contra viaturas. O primeiro carro que surgiu transportava açúcar. Desviámo-lo da estrada levámos o que podíamos e o resto «como tinha muita mercadoria» deixámos ficar. Atrás vinha um machimbombo que não quis parar até que disparámos alguns tiros de bazooka. Alguns passageiros ficaram feridos, mas ninguém os assistiu. Levámos as suas coisas e comida que traziam no machimbombo e o chefe mandou seguir viagem. Alguns tiveram que seguir num outro carro que veio em direcção a Chimoio.

A seguir atacámos um campo de reeducação em Chatorra onde levámos treze reeducandos. Os restantes fugiram. Depois do Rio Révuê

até Mahate, recrutámos 75 pessoas que levámos para a Rodésia.

Qual foi a missão a seguir?

— Segui num grupo de 300 pessoas, chefiado por um tal Lucas, com destino a Espungabera. No mês de Outubro, entrámos em Munyi e fomos estabelecer a primeira base em Chiwanga até Janeiro deste ano. Nesta altura o acampamento foi atacado pelas FPLM. Lá havia cinco brancos, cujo trabalho era ensinar como deveríamos trabalhar com morteiros, com bazookas e com os rádios. Muitas pessoas eram já treinadas em Chiwanga. Daqui o acampamento foi mudado para Sitatonga.

Que brancos é que você refere? Eram mercenários?

— Sul-africanos. Quando estávamos já em Sitatonga, vieram uma vez doze, para ensinar a dinamitar pontes, usando explosivos. Outros vinham ensinar radiotelegrafia, como usar os morteiros, etc.

Ficavam sempre no acampamento?

— Eles vinham de helicópteros. Todos os meses vinham cinco e os outros cinco anteriores iam-se embora. Em Março, por exemplo, vieram sul-africanos em dois helicópteros para vir expressamente treinar doze pessoas como radiotelegrafistas. Quando acabaram de treinar foram distribuídos pelas diversas companhias.

Quando foi a última vez que os viu?

— Em Abril. Entraram por Massangene, uma vez que o Zimbabwe já está independente. Foram recebidos na missão de Espungabera por um grupo de soldados da «África Livre» e levados para Sitatonga. Dois dias depois, mandaram vir dois Dakotas com material: morteiros, caixas de munições, obuses de morteiros, e de bazookas. Trouxeram 3 morteiros 81. Esse material não era para o grupo que estava em Sitatonga mas sim para o que estava na Gorongosa que já há muito não recebia material.

Vocês tinham muito material?

— Não, já não tínhamos. O nosso chefe pediu esse material ao

chefe que estava na Gorongosa e distribuiu pelos soldados. Mesmo assim, não chegou para todos, como por exemplo o grupo de Rutanda também pediu material e não chegou a receber nada.

Lembro-me ainda de ter visto dois helicópteros que vieram buscar os cinco sul-africanos e dois mistos que falavam português directamente de Sitatonga para a África do Sul. Levaram também aparelhos de rádio, giradiscos e outros artigos roubados ao povo para irem vender na África do Sul.

Porque lutavam?

— Os nossos chefes diziam que era para acabarmos com o socialismo porque no socialismo todos trabalham juntos, ninguém pode fazer o que quer. Queriam proclamar a independência.

Que independência?

— A independência a que se referiam é tirar o socialismo, pôr o capitalismo de novo: seria isso, independência.

Quais eram os vossos objectivos militares?

— Atacávamos aldeias comunais, machambas do povo, lojas do Povo. Nas lojas do povo, roubávamos comida. Além disso, diziam que isso também é uma forma de lutar.

Porque é que não atacavam as FPLM?

— Tínhamos medo de atacar os quartéis porque sabíamos que as FPLM têm armas daquelas pesadas, sobretudo tanques de que todos os soldados têm medo.

Porque é que levavam adolescentes, e crianças?

— Levávamos crianças a partir dos doze anos, para crescer lá.

Como é que viviam nos acampamentos?

— Havia muito sofrimento. A comida que vinha da África do Sul não era suficiente para todos os recrutas e soldados. Iamos também pedir à população, ou arrancávamos à força, cabritos, e farinha. Mas mesmo assim não chegava.

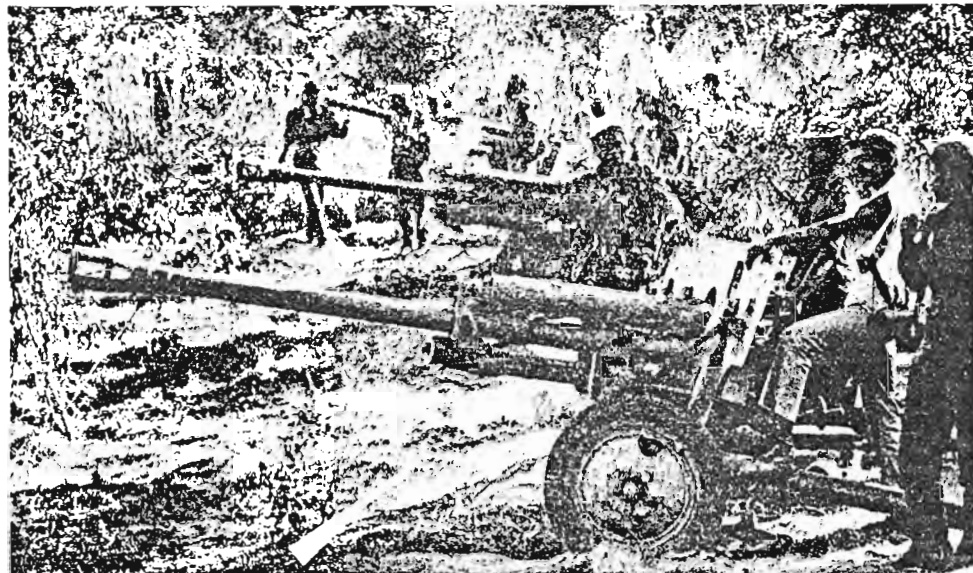


encontrar no acampamento, agora sob a protecção das FPLM. O inimigo, segundo disseram, obrigava a maior parte dos jovens raptados a receber treino militar. Aqueles que não obedecessem, viviam como prisioneiros, dentro das trincheiras. «Passámos muita fome — afirma o velho Jossia Manhangue. — Só de vez em quando vinha farinha da moagem que tinha sido tomada por eles.»

“AUXILIAR” DE MUZOREWA PERDEU EMPREGO

Chama-se Sailasse Tausene, nasceu em Sita (Espungabera). Pertenceu às chamadas «forças auxiliares de Muzorewa» e foi capturado pelas FPLM em Chingulo, no distrito de Mossurize.

«Eu saí em 1973 para a Rodésia do Sul, a fim de trabalhar nas



Em cima: Elementos das FPLM, de todos os ramos, participam nas manobras militares em curso na Província de Manica

Ao lado: Diversos documentos de identificação, assim como quantidades de dinheiro em moeda nacional e estrangeira foram encontrados pelas FPLM no acampamento de Sitatonga II

Agostinho Tiago era professor numa escola primária em Machasse, tendo sido raptado recentemente por um grupo armado que o conduziu ao acampamento central de Sitatonga. «Depois de me levarem todo o meu vencimento — afirma — amarraram-me os braços e as pernas dizendo que eu era soldado da FRELIMO. Depois de se certificarem que estavam enganados, obrigaram-me a fazer

treino militar no campo que aqui tinham.»

APOIO EXTERIOR

A pista de aterragem para helicópteros (heliporto) com 96 metros de comprimento por 45 de largura, é a primeira imagem clara da intervenção externa que se verifica em apoio aos grupos reacionários. «Estas dimensões — se-

gundo nos esclareceu o piloto das FPLM que nos acompanhou a Sitatonga — confirmam as nossas informações de que aqui aterravam helicópteros «Allouette II», de fabrico francês.»

Segundo o relato feito posteriormente por um comandante das FPLM, durante a operação de cerco, dois helicópteros estiveram no acampamento. «Não foi possível abatê-los porque apenas os

«farmas» da região de Chavundu. E em 1975 passei para a África do Sul, donde regressei para a Rodésia, no ano seguinte. Em 1976, planeava regressar a Moçambique, mas quando cheguei à fronteira informaram-me de que havia guerra e não se podia atravessar a fronteira.

Dirigi-me então a Fort Victoria, onde trabalhei como empregado doméstico. De novo fui para a África do Sul, em 1978, e regressei no ano seguinte para ir trabalhar em Chirezi, Buffalo Range, nas plantações de cana-de-açúcar.

Lá fiquei preso durante quatro meses e tiraram-me da cadeia para me incorporar nas forças auxiliares de Muzorewa. A 11 de Dezembro



Sailasse Tausene, ex-auxiliar de Muzorewa

de 1979 comecei os treinos militares e a 8 de Fevereiro participei na campanha eleitoral do bispo Muzorewa.

De 27 a 29 de Fevereiro, depois das eleições e com a derrota de Muzorewa, fomos informados de que não valia a pena continuarmos no exército de Muzorewa, já que ele perdera as eleições.

Pensei regressar, em Março, a Moçambique, via Chipinga. Em Maio consegui entrar em Moçambique. Passado pouco tempo, chegaram as FPLM que vinham em perseguição dos grupos contra-revolucionários e, nessa altura, fui capturado

vimos no dia 18 de Junho, à sua saída, do lado do nascente quando nós estávamos do lado oposto.» Conforme informações de prisioneiros e elementos da população, dois aviões militares cargueiros que no dia 20 de Junho também foram vistos a sobrevoar a parte principal da base eram sul-africanos, tendo lançado de pára-quedas grande quantidade de material bélico, que foi mais tarde capturado pelas FPLM.

Ainda segundo declarações feitas pelos prisioneiros, neste acampamento permaneciam, até um pouco antes do início da operação de cerco das FPLM, instrutores militares sul-africanos, portugueses e de outras nacionalidades. «Os boers foram levados de helicóptero para a África do Sul. Um português chamado Silva, ex-caixeiro de uma loja em Espungabera, é o único que permanecia ao lado do chefe destes grupos, de nome Afonso, antes dele abandonar o acampamento», segundo Agostinho.

Do outro lado da fronteira de Mossurize, sabe-se já que estes grupos reaccionários recebem apoio por parte de farmeiros e alguns funcionários brancos hostis

ao Governo do Primeiro-Ministro Robert Mugabe. Nessa farmas existem pistas de aviação que já serviram o exército de Smith/Muzorewa, nas suas agressões à RPM. São ainda os mesmos elementos que acolhem os violadores da fronteira, a quem dão logo emprego nas suas machambas de café e, entre os mais jovens, recrutam os membros dos bandos que

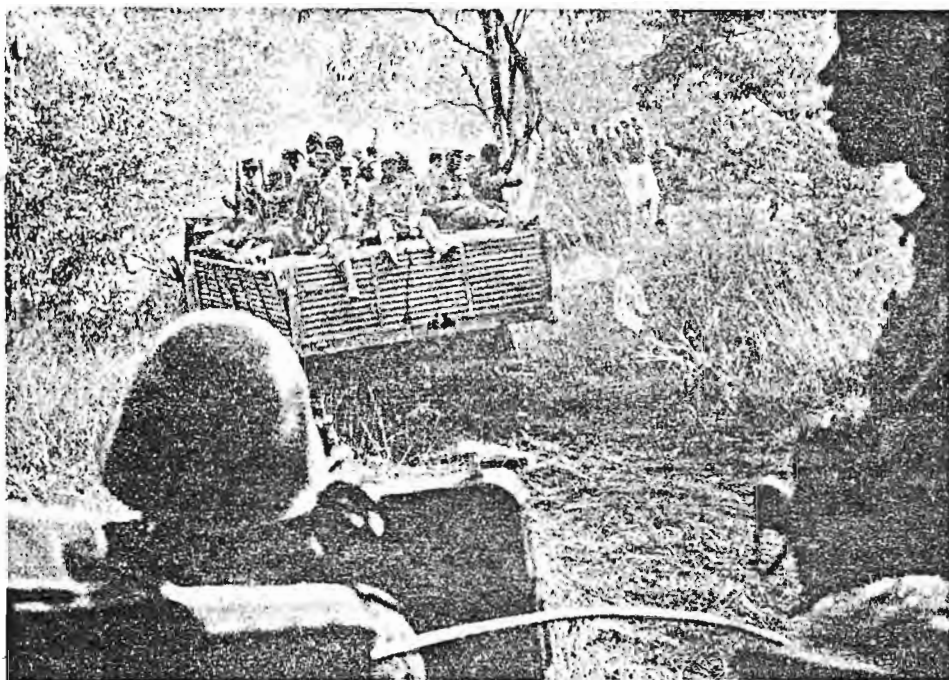
depois enviam para as acções, armadas e de sabotagem.

«DÊEM-NOS ARMAS PARA PODERMOS CORRER COM OS BANDIDOS»

Na localidade de Dombe, falámos com vários elementos da população que tinham estado a viver nas zonas afectadas pela ac-



A elevação da capacidade técnica das FPLM é um dos aspectos mais relevantes dos actuais exercícios militares



Coluna das FPLM progredindo para a zona de Sitatonga



Alberto Vilaça, agricultor: «Éramos obrigados a alimentar os bandidos»

DE COMBATENTE DA LIBERDADE A OPRESSOR DO POVO

JORGE ANTÓNIO, de 24 anos de idade, nasceu em Tete mas foi um elemento dos «Selous Scouts», organismo paramilitar criado pelo regime ilegal da Rodésia, à semelhança dos GE do regime colonial português. Antigo combatente da Frente de Libertação de Moçambique, foi capturado pelos «boers» durante a luta armada, na Província de Tete.

«Fui levado para um campo, em Bindura, no território rodesiano. Na Bindura, os «Selous Scouts» ainda estavam em formação e por isso eu fiquei num quartel da polícia rodesiana. De Bindura fui para Inkomo Barracks, onde já tinham sido formados os «Selous Scouts», em cujo grupo me integramos. Estive lá cinco meses. Depois desse tempo, comecei a treinar com o armamento usado pelos «Selous Scouts» — FN e MG — e a aprender topografia militar e meios de comunicação.

«Mas como os «Selous Scouts» estavam a operar com a AKM, deram-me também uma e fui para as áreas operacionais, principalmente na região de Mount Darwin. Um mês duraram as primeiras operações e regressámos ao quartel. Depois de cada operação, tínhamos um período de dez dias de descanso, mas como eu ainda estava em preparação, não tive esse descanso, mas sim dediquei-me a exercícios de aprendizagem, carreira de tiro, revisão de radiotelegrafia e topografia.

«Com a abertura de novas frentes, em 1976, começámos a actuar nas áreas de Chipinga e Melsetter. Neste ano fui indicado para ir tirar um curso de pára-quedista na África do Sul que me levou trinta dias. Depois deste curso regresssei à Rodésia e actuei em Fort Victoria e Chirezi e também trabalhei na zona militar de um hospital, conduzindo «Land-Rovers».



J. António, ex-combatente da liberdade e membro dos «Selous Scouts» do regime de Smith

OPERAÇÕES EM MOÇAMBIQUE

«Entre em Moçambique durante a invasão rodesiana, na região de Mavonde. A missão dos «Selous Scouts» era impedir a entrada de guerrilheiros das ZANLA no Zimbábue a partir daquela zona. Assim, quando atravessámos a fronteira, dividimo-nos em pequenos grupos para podermos montar postos de observação nas montanhas, usando binóculos. Ficámos três dias nessas posições. No quarto, quando nos retirávamos, vimos uma grande coluna motorizada das FPLM que seguia em direcção a Mavonde e avisámos os nossos chefes.

«Eles mandaram vir a aviação para tentar deter a coluna das FPLM mas foi impossível porque muitos aviões foram abatidos. O Comandante, então, decidiu o fim da operação e regressámos à Rodésia.»

«Além disto, o meu grupo também entrou uma vez na Província de Gaza.... Não conseguimos o nosso objectivo que era raptar um elemento da população para nos dar certas informações. As FPLM perseguiram-nos e atacaram-nos até atravessarmos de novo a fronteira.»

ção contra-revolucionária, durante os últimos meses. «Éramos obrigados a alimentá-los com a nossa farinha, sob a ameaça das armas» — disse Alberto Vilaça, agricultor em Muchanga, sobre os métodos de actuação daqueles grupos.

Quisemos saber de várias pessoas, porque razão sendo tão bárbara e cruel a actuação dos bandidos nem sempre denunciavam a sua presença às FPLM. «Eles proibiam quem quer que fosse de sair da zona onde vivesse, sob pena de ser passado pelas armas», explicou um ancião. Há, porém, casos de resistência heroica das populações, a registar em algumas zonas do distrito.

Em Máquina e Muzuma, milicianos puseram em debandada grupos inimigos que pretendiam roubar víveres à população. Após as primeiras tentativas segundo José Campira, nunca mais voltaram a atacar aquelas aldeias. «Dêem-nos armas que nós saberemos defender-nos dos bandidos» — disse José Campira.

O engajamento, determinação e espírito combativo das FPLM nestas manobras é outro aspecto a salientar. Apesar dos sacrifícios e privações por que têm passado, os soldados e respectivos comandantes continuam dispostos a prosseguir a perseguição dos pequenos grupos dispersos após o assalto ao acampamento de Sitatonga II.

Anteriormente, em Bonga, a cerca de cinco quilómetros da montanha de Sitatonga I, onde se podia ouvir o tiroteio nas posições mais avançadas, vimos exemplos de disciplina e camaradagem que se consolidam nos momentos mais difíceis. Após uma missão, os soldados que regressavam ao posto de comando transmitiam, com emoção, relatos vivos dos combates em que participaram, referiam camaradas que se haviam distinguido pela coragem e o exemplo ou narravam um ou outro aspecto quase anedótico.

Foi numa destas ocasiões que ouvimos Calisto Langa, de 22 anos, contar aos camaradas o episódio que ele acabava de viver numa missão:

O Chefe do Estado-Maior General das FPLM, Sebastião Marcos Mabote orientou recentemente uma reunião pública na capital da Província de Manica (ver foto) para apresentar alguns dos resultados já alcançados na operação político-militar em curso naquela região fronteira. Os presentes puderam em Chimoio ver diversas quantidades de material bélico e outros artigos capturados pelas FPLM aos grupos contra-revolucionários que tinham, em Sitatonga II, o seu acampamento principal. Foram igualmente apresentados alguns dos indivíduos capturados ou que se renderam às FPLM. O Chefe do Estado-Maior General das FPLM garantiu naquele encontro que aqueles que viraram as armas contra o seu próprio País, por terem sido aliciados, beneficiariam da política de clemência e seriam reintegrados na produção social e económica nacional



«O meu pelotão preparava-se para regressar de um patrulhamento. Era de manhã cedo e acabava de dobrar a minha manta quando vejo alguns metros à mi-

nha frente, um indivíduo estranho.

—De que companhia és tu? — perguntei ao indivíduo, que trazia arma igual à minha e estava far-

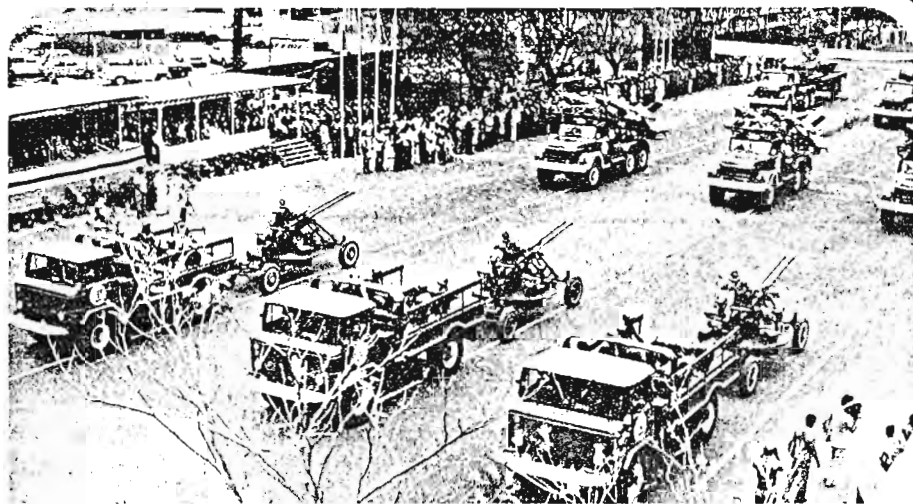
dado. Pareceu-me que ele também ficou surpreendido com a minha pergunta, mas antes que reagisse, um colega ao meu lado gritou «É inimigo». Quando aplacámos e começámos a disparar, era tarde. Viemos a saber que nós dormimos naquela noite muito perto do inimigo sem que nem nós nem eles se apercebessem.

PARAÍSO ABANDONADO

Uma viagem pelo distrito de Mossurize mostra-nos que se trata de uma região rica, mas praticamente virgem. Machambas de mapira, pomares de laranjas e bananeiras desenvolvem-se quase espontaneamente, abandonadas à sua sorte. Ao longo da estrada que vai do Dombe a Espungabera existe muito pouca população.

Mas nas poucas casas que se vêem quase abandonadas, devido à acção inimiga, ainda se podem ver galinhas, patos e cabritos.

Sem dúvida alguma a existência de florestas cerradas e do relevo montanhoso, a par da inexistência de vias de comunicação operacionais, próximo da fronteira, foram algumas das razões que permitiram ao inimigo instalar-se durante algum tempo nesta zona. É importante uma acção concreta de desenvolvimento ao nível das infra-estruturas e de apoio económico, social e político, a esta zona tanto mais que do outro lado da



A vitória que às FPLM obtiveram frente ao grupo de contra-revolucionários pode-se dizer vitória de todo o Povo. O inimigo estava bem armado, recebera instrução militar de técnicos de guerra, tinha apoio logístico. A base fora montada em lugar de difícil acesso.

A modernização das FPLM e a sua transformação em exército regular são factos concretos que, aliás, bem puderam ser constatados no desfile do 25 de Setembro do ano passado que aqui recordamos em foto. Agora o nosso exército foi reforçado com a entrada em operação de unidades da Força Popular Aérea.

Dizíamos que a vitória das FPLM pode ser considerada vitória de todo o Povo. E assim é porque foi o Povo que em inúmeras contribuições deu dinheiro para o «reforço da nossa capacidade defensiva». É esse reforço que já foi obtido, que já se percebia claramente na defesa contra os ataques rodésianos e que, mais uma vez, se constatou com a tomada de Sitatonga II.

EX-RÉGULO SONHA COM REGRESSO AO PODER

A voz é baixa e fala entre os dentes. Foi régulo no regime colonial e, colaborando com os grupos contra-revolucionários, julgava poder vir a recuperar os «poderes» que o povo lhe retirou. Chama-se Zunguene João Chinguno. Ei-lo na primeira pessoa:

«Um dia chegou um grupo de homens armados à aldeia onde vivo. Logo de manhã, os chefes do grupo mandaram os seus sipaios» tinha casa para me chamarem. fui com eles para saber o que me queriam. Eles responderam que era para eu andar a mobilizar o povo para que lhes desse farinha.

«Conhece-me?» — perguntou o chefe do grupo. «Eu sou do Mas-sangaissa e quero vir fazer bem ao «povo»... Mas fazer bem como? — eu quis saber. Ele respondeu: «Eu quero que o povo viva a vida que quer.... Eu não quero aldeias comunais, lojas do povo. Mas diz à gente que tem de me dar co-



Ex-régulo Zunguene. Contava poder recuperar o poder perdido

mida. Você tem de ajudar a dizer isso ao povo.

«Eu disse que tinha medo do povo; há muito que já não faço essa vida, eles vão fazer-me mal. Mas ele disse que não haveria problemas. Eu respondi-lhe: Eu também

tenho farinha, posso vir oferecer; se quiser galinha vou trazer também.

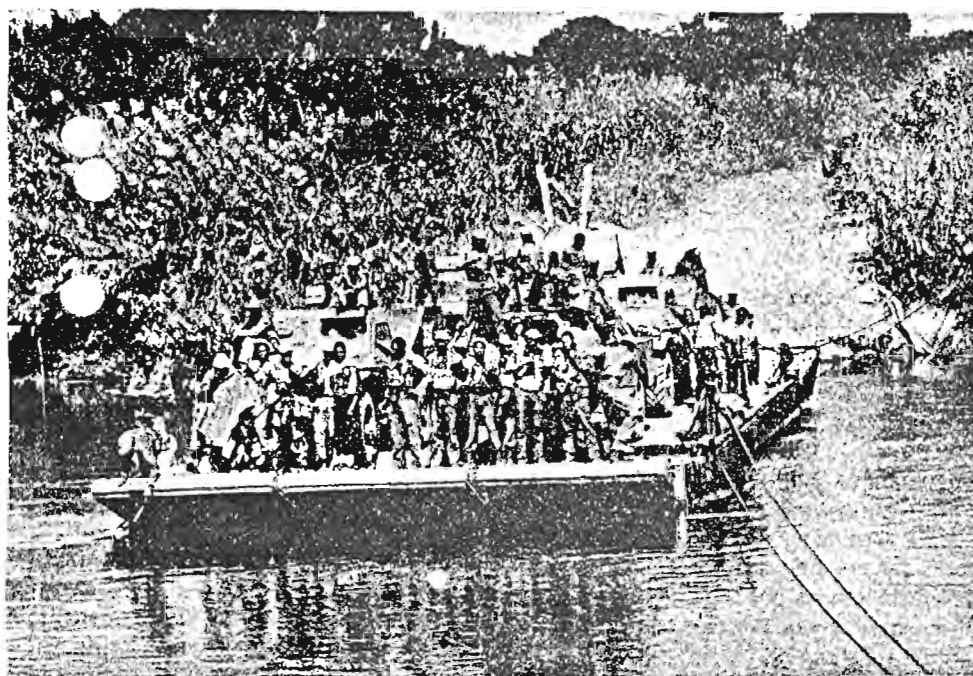
Ele disse «está bem». Vai lá trazer «pombe» (bebida tradicional feita à base de mapira). Fui preparar pombe. Mas quando o pombe já estava a ficar bom, apareceram Forças Populares e entraram em acção contra aquele grupo e eles fugiram. Eu pensei que tivessem ido à base. Ia levar-lhes a bebida, mas encontrei pelo caminho as FPLM. Isto aconteceu no passado dia 3 de Junho.

Como é que você cumpriu a promessa de mobilizar o Povo?

Naquele mesmo dia em que estiveram aqui, houve «banja» e eu falei ao povo aquilo que o chefe dizia.

Prometeram recompensá-lo pelo seu trabalho?

Eles diziam que quando a guerra acabasse, todas essas coisas novas não-de acabar. Eles não disseram claramente que hei-de voltar para o meu lugar, mas parece que queriam dizer isso mesmo!



A travessia do Rio Lucite, perto da localidade do Dombe, por uma das unidades das FPLM. Até há poucos meses, os contra-revolucionários cometiam diversos crimes a partir desta zona até à fronteira de Espungabera

fronteira, está uma das regiões mais ricas do Zimbabwe.

Em resultado do trabalho até agora realizado pelas FPLM, centenas de indivíduos armados foram já capturados e outros se entregam voluntariamente às autoridades. Conforme foi anunciado num comício recentemente realizado em Chimoio, aqueles que agiram inconscientemente ou foram forçados a colaborar com o inimigo poderão vir a ser uma poderosa força para o desenvolvimento desta região, através da sua integração na vida social e produtiva.

**Texto de
Arlindo Lopes
Fotos de
Kok Nam
e Jorge Guerreiro**